



**PEAU NOIRE, MASQUES BLANCS/PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS/PIEL NEGRA, MÁSCARAS BLANCAS/BLACK SKIN, WHITE MASKS/SCHWARZE HAUT, WEIÙE MASKEN/FRANTZ OMAR FANON OH! YES FANON FOR SURE BLACK LIVES MATTER**

Mas tenho medo do impressionismo sobre o expressionismo.

Temo não saber contar da busca malograda da reprodução, de frente como queria, da estatueta de madeira de o Pensador Africano ao lado da tela do computador, há muito, pelo afeto de Carmen Tindó em minha companhia. Como dizer que das suas mãos coladas à face sobre os ouvidos, silente, esta manhã, num salto repentino, transportado, ou melhor, fui por ele enquadrado na cena do desespero de *O Grito* de Munch. Por isso, o Pensador Africano, o queria de frente. Pela primeira vez, os imagino juntos. Cara a Cara. *Pele Negra, Máscara Branca*. Frantz Omar Fanon. Hoje é ele a legenda. Faz parte das minhas silabadas, diria a minha velha professora de Latim, no Clássico. Sim, como tem me ocorrido, ou em sonho, ou em vigília: vejo, escuto e escrevo através do Outro. Ou da Outra. E, na procura, se não ocorresse, porém, o corte abrupto na direção da imagem, que eu nunca vira esculpida da Mulher Pensadora Africana, estampado estaria ele, o Pensador, sabe bem, Fanon. O Canon. Bem-vindo, o corpo de Mulher, mas, repito, tenho medo do impressionismo sobre o expressionismo. Se manifesto, duplamente o temeria nos traços imprecisos dos vultos ao fundo da paisagem vista da ponte, sobrepostos às formas de mulher, em que sobressaem o talho esguio sem os volumes arredondados e com o cabelo arrepiado para o alto. Contra a impressão indesejada de ver a Pele Negra africana atravessada

1 Estatueta do Pensador Angolano. Fonte: foto de Carmen Tindó, abril de 2022.

2 O Grito (em norueguês: Skrik) é uma série de quatro pinturas do norueguês Edvard Munch, 1893. Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/O\\_Grito](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/O_Grito)

3 Estatueta do Pensador Angolano. Fonte: foto de Carmen Tindó, abril de 2022.

pela Máscara Branca europeia, norueguesa, conterrânea do exterminador da ilha de Utoeya, do ódio nórdico contra o amor da princesa patricia pelo xamã californiano, criminosamente racista, e, logo, nesse progressivo sentido contrário, num já conscientemente descontrolado deslocamento temporal e contextual, vejo na tela o medo contemporâneo de quem vê o ádvana refugiado em quem às suas costas anda, transfigurado nos próprios companheiros de travessia, numa palavra, *O Grito*, visto sob a óptica do desacerto estético sob o controle ético. *Like a bridge over troubled water. Mas nada disto*, eu sei, *está concretamente representado* na pintura. Repito, mais uma vez, palavras de Eduardo Prado Coelho, num seminal ensaio, inesquecível, sobre “As Palavras Interditas”, de Eugénio de Andrade. Das quatro versões da obra-prima de Munch, acidentalmente, esta é a reprodução que me interessa mais. Nem mesmo reli o livro de Fanon, que, na verdade, não o encontro em minha babélica biblioteca. Do *panorama visto da ponte*, as imagens — em que há uma certa indeterminação física — sobre a paisagem em expansão remontam à aventura trágico-épica marítima. Entre as figuras, uma, em madeira esculpida; em óleo sobre tela, a outra. Um mesmo gesto as identifica e as diferencia: ambas as mãos sobre o rosto. Uma desesperada, angustiada, o corpo meio torcido. A outra, serena, muito bem assentada em sua sabedoria.

**Jorge Fernandes da Silveira**

*Professor Emérito de Literatura Portuguesa  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Em 23/08/2020**